

## **NOVA CRIATURA SOU: CONSIDERAÇÕES SOBRE CONVERSÃO, EX BANDITISMO E O PENTECOSTALISMO TRADICIONAL NO BRASIL.**

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** A intenção desse artigo é tecer considerações sobre o as conversões religiosa de ex-bandidos pertencentes as assembleias de Deus (AD), em especial quanto a ressocialização de ex-presidiários e adolescentes em conflito com a lei. A presente pesquisa como parte incidental de tese doutorado, quer iniciar o debate e pesquisa sobre o sucesso ou insucesso da recuperação de pessoas em conflitos com a lei através da ação religiosa pentecostal sobre esse grupo social.

**Palavras-chave:** antropologia da religião, sociologia da religião, pentecostalismo banditismo, conversão religiosa.

---

### **Quem é o pentecostal assembleiano?**

Conceituar experiência religiosa não é coisa fácil, há inúmeros conceitos, mas é a partir da experiência que o sujeito se identifica como verdadeiramente pentecostal. Mais além, não se trata apenas da experiência, mas de um misto de conversão e aceitação da comunidade e da própria experiência. Só a partir desse fenômeno é que ele será melhor aceito em sua comunidade e poderá ser considerado um santo de Deus. Os assembleianos acreditam literalmente naquilo que é relatado na Bíblia em João 3:5, é somente ao ser batizado com o espírito ou ter uma experiência religiosa que o indivíduo pode se considerar como fiel, e então sua comunidade o aceitará como verdadeiro filho de Deus - não apenas por frequentar os cultos, passar por batismo nas águas e assumir a sua linguagem, além de todas essas etapas para se tornar um verdadeiro pertencente a comunidade ele ainda tem de passar pela experiência religiosa espiritual.

Assim o pentecostal vai se reafirmar como pertencente a algo maior do que ele, e essa experiência determinará toda a sua vida. A experiência é um

---

<sup>1</sup> Cientista social formado pela UNESP com ênfase em antropologia, Advogado (OAB-SP 314.526) formado pela ITE, Graduado e mestre em filosofia pela UNESP, doutor em ciências da Religião pela Universidade Metodista. doutorando em ciencias sociais pela UNESP. Professor de sociologia e filosofia da UNESP - FAAC. [joebarduzzi@yahoo.com.br](mailto:joebarduzzi@yahoo.com.br)

misto do que ele crê em ser sagrado e de ser aceito no seu grupo. Sobre isso escreve Rolim (1985, p. 225):

Os crentes produzem um imaginário sob cuja influência experimentam simultaneamente o aspecto de proteção e de existência do grupo. Proteção porque de um lado a crença no Espírito Santo é a crença no poder divino absoluto, e, por outro lado, o grupo é percebido como espaço por excelência da manifestação desse poder, o qual se reproduz e re-atualiza a manifestação primitiva desse mesmo Espírito. (1985, p. 225)

É através da experiência que o crente é reconhecido e cria sua identidade de sujeito coletivo. Ao re-elaborar uma linguagem nova, a partir daquilo que já lhe era comum em sua religiosidade e com o acréscimo do discurso bíblico, o convertido estrutura uma nova realidade e um novo imaginário que definem uma nova maneira de viver e de se relacionar socialmente. Cria portanto, novas relações de força e de poder diante das dificuldades do cotidiano (COSTA, 2004, p. 76).

Sua experiência consiste na crença da presença constante do Espírito Santo e isso vai determinar toda sua vida inclusive extrarreligiosa, algo que não acontecia há séculos na cristandade. O “sagrado” existe, segundo Eliade (2001), em oposição ao profano. Ele se constitui na concepção de um mundo trans-humano, comumente de origem divina, que diz respeito à existência de uma transcendência que extrapola os quadros da realidade imediatamente visível e sensível. Porém o assembleiano vai constituir-se no sagrado. Tudo em sua vida crê que será sagrada, sua família, seu trabalho, suas manifestações religiosas, suas palavras, sua moral, seu modo de se relacionar com os outros, em suma acredita que sua vida será sagrada.

A experiência espiritual é inexplicável, os relatos são de puro transe, ou seja, não dá para o sujeito que sofreu a experiência explicar. Mas a partir dessa experiência sua vida muda. Há diversos relatos de pessoas que mudam radicalmente de vida após a experiência, os exemplos são inúmeros, prostitutas que controlam sua sexualidade, bandidos que não roubam mais. A experiência chega a ser superior a dependência neuroquímica, diversos relatos de pessoas que pararam de usar drogas, bebidas e cigarro após serem “batizadas” com o Espírito Santo, talvez porque seja outra experiência neuroquímica.

O assembleiano é espécie do qual pentecostal é gênero. Há um que em particular no pentecostal pertencente às Assembleias de Deus. É o que Alencar (2013) chama de assembleianismos. Que se caracterizam por determinados códigos, modos e cosmovisão. A conversão à assembleia se expressa nas roupas típicas na forma de agir e de assumir uma nova linguagem. Basta conversar poucos minutos com um pentecostal que se sabe que ele é pentecostal, mesmo que suas roupas não denunciem, numa situação de uniforme de trabalho por exemplo. Logo sua linguagem vai denunciar, vai logo surgir termos como “Deus abençoe”, “Paz do Senhor”, um versículo, uma explicação sobrenatural para algo como vontade ou permissão de Deus.

Ao ser convertido, o fiel vai criando e recriando modos de ser e fazer e se relacionar, ou seja, disposições de ser, que serão mais ou menos duráveis, transpondo-as a outras práticas que não só as religiosas, adquirida com as experiências dos membros já preexistentes no grupo. Cria-se assim uma matriz de ver, apreciar (instituir valor) e agir no mundo. Desse modo, realiza sua vida de acordo com os novos valores que lhe foi transmitido.

As ADs tradicionalmente são conhecidas por impor uma adequação moral aos seus membros no que se refere às vestimentas, impõe um jugo pesado, inadequado ao clima brasileiro, tachando o que é ou não uma roupa decente. Em seu livro, o pastor Ricardo Gondim (2005) denuncia o pesado jugo ao qual estão dispostos a carregar tais pessoas. Após descrever o suicídio real de uma jovem filha de pastor, que apanhou do pai por ter cortado as pontas do cabelo, ele completa sua análise com a seguinte citação:

Sei de muitas jovens que hoje vivem longe de suas igrejas e totalmente indiferentes à mensagem do evangelho porque sofreram exclusões e disciplinas públicas quando foram vistas usando calças compridas, um colar ou até mesmo brincos. Muitas vezes um jogo de futebol entre crianças ou soltar pipas ocasionam 45 minutos de repreensão do pastor. Em determinadas igrejas, raramente o sermão expõe a Bíblia, pois quase sempre começa com um versículo e acaba tratando do que pode e do que não pode. (GONDIM, 2005, p.4):

Na maioria das ADs não era permitido às mulheres cortar o cabelo; homens não podiam ter cabelo comprido, de preferência o corte deveria ser padronizado como o do pastor ou raspado. Mulheres só podiam usar saia comprida, no mínimo abaixo do joelho, enquanto homens podiam andar de

calça social e camisa, preferencialmente comprida, mas os obreiros no culto só podem portar terno e gravata, não importa o calor (ROLIM, 1985).

Essa imposição moral caracteriza o assembleiano embora haja inúmeras mudanças que tendem a liberdade de costumes. Hoje já é difícil, ao menos no assembleianismo urbano das grandes cidades diferenciar ele de outros. Porém no assembleianismo rural, que hoje rareia, ainda é possível observar bem os traços originais dos costumes da AD. Em uma cidade interiorana como Bauru-SP cuja matriz caipira ainda está corrente é uma excelente fonte de pesquisa para perceber as mudanças entre os assembleianismos diversos.

Hoje em dia se fala em pentecostalismos, no plural, e há quem fale, com razão, em assembleianismos, também no plural e com razão. Em especial a excelente pesquisa de Gedeon de Alencar (2013) que pretende construir a Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira - MPAB - e diz que suas "identidades irreversivelmente fracionadas em divergências internas", gerando os assembleianismos urbano, rural, difuso e autônomo, clássico, pois como deixa claro em sua introdução, "Não se trata, assim, de uma igreja, mas de diversas, distintas, concorrentes e divergentes entre si, muito parecidas com o país onde nasceram, cresceram e se consolidaram. Portanto, Assembleias Brasileiras de Deus" (ALENCAR, 2013, introdução.).

Embora haja inúmeras diferenças, sobretudo no assembleianismo interiorano, todas podem ser caracterizadas por certos códigos de comportamento que as caracteriza além da roupa: repetem em tom monocórdio versículos bíblicos, ao menos em tese, não falam gírias e palavrões, evitam ouvir músicas mundanas e frequentar eventos mundanos. Não se pode, ou não se podia, entre outras coisas, assistir tevê, praticar esporte e cultivar ritmos musicais brasileiros. As crianças não podiam brincar de futebol, bicicleta ou nadar, nem praticar esportes ou ir à praia. A justificativa é ao mesmo tempo simples e definitiva: são coisas do mundo ou do diabo.

No entanto, há mudanças. No segundo maior ministério das ADs, as Assembleias de Deus - Ministério Madureira tem mudado radicalmente seu costume. A veiculação anunciada por jornais gospel de todo o país, da Revista Isto É (CARDOSO, 2011, s.p.) confirma a facilmente verificável mudança às

quais passam. Essas mudanças mais cedo ou mais tarde acabara interferindo em outras Assembleias de Deus, que terão que aceitar sob o risco de perder fiéis:

“No templo do Brás, porém, às 19h30 do domingo 15, um grupo de cerca de vinte fiéis fazia coreografias, ao lado do púlpito, ao som de uma batida funkeada. Seus componentes – mulheres maquiadas e com cabelos curtos tingidos, calça jeans justa e joias combinando com o salto alto; homens usando camiseta e exibindo corte de cabelo black power – outrora sofreriam sanções, como uma expulsão, por conta de tais “ousadias”. Mas ali eram ovacionados por uma plateia formada por gente vestida de forma parecida, bem informal. Palmas, também proibidas nas celebrações tradicionais, eram requisitadas pelo pastor Samuel de Castro Ferreira, líder do templo e um dos responsáveis por essa mudança de mentalidade (...) Sua Assembleia do “pode” tem agradado aos fiéis. “Meu pai não permitia que eu pintasse as unhas, raspasse os pelos ou cortasse o cabelo”, conta a dona de casa Jussara da Silva, 49 anos. “Furei as orelhas só depois dos 40 anos. Faz pouco tempo, também, que faço luzes”, afirma Raquel Monteiro Pedro, 47 anos, gerente administrativa. Devidamente maquiadas, as duas desfilavam seus cabelos curtos e tingidos adornados por joias pelo salão do Brás, cuja arquitetura, mais parecida com a de um anfiteatro, também se distingue das igrejas mais conservadoras<sup>2</sup>.” (CARDOSO, 2011 )

Tais mudanças se encontram em franca aceitação pelos fiéis e afetam outras Assembleias de Deus e igrejas nelas baseadas, que cada vez mais rompem com tradições. A AD do Bom Retiro com mais de 17.000 membros é outra que pode ser citada como exemplo (SANTOS CORREA, 2008), mas a maioria das ADs ainda mantém seus costumes.

Os pentecostais tradicionais demonizavam a televisão (CAMPOS JR, 2012) até ocorrer dois fatores: a influência e o sucesso dos televangelistas nos anos 1970. Televangelista é um pregador que usa a televisão, em canais que atingem um grande número de telespectadores. Os mais famosos são americanos<sup>3</sup> tais Billy Graham, Pat Robertson e Rex Humbard. Ao ver o uso

---

<sup>2</sup>Ver mais detalhes na reportagem - Um pastor moderno entre os radicais jornal mídia gospel de 20 de novembro de 2011, disponível em <http://www.midiagospel.com.br/variedades/noticias/assembleia-de-deus-sem-usos-e-costumes> acessado em 12/dez/2012

<sup>3</sup>As ADs sempre respeitaram e admiraram como mensageiros de Deus os missionários americanos.

“santo” que poderia ter a televisão, o aparelho passou a ser mais ou menos aceito culturalmente, conforme o poder de compra fosse subindo a partir de 1980, mas ainda não institucionalmente. Eram comum os relatos de que assembleianos tinham o aparelho televisor dentro do armário do quarto escondido das visitas e a Bíblia aberta na sala. Alencar (2013 p.194) demonstra também a luta que foi a liberalização da televisão, proibida desde 1967 liberada, mas com restrições, em 1994 pela CGADB, liberada pela CONAMAD em 1990.

Há de se considerar o crescente acesso econômico para a televisão, ficava fácil demonizar algo que não tinha acesso, desde 1990 ficou permitido à televisão para ver desde que se evitasse programas de nudez ou indecentes, estimulando apenas aos programas religiosos e telejornais. Hoje, face a esses fenômenos, é permitida a televisão, tanto que ocorre à boca miúda o seguinte exemplo de testemunho: o assembleiano antigamente dando testemunhos<sup>4</sup> no púlpito: “irmãos, Jesus me salvou e já vendi a televisão”; já o assembleiano hoje dando testemunhos – “irmãos, Jesus me abençoou e já comprei três televisores”.

Evidentemente o maior acesso à mídia, à televisão, introduziu novas ideias antes impensáveis aos jovens, tal como acesso à moda, ideários de beleza, que embora manipuláveis por uma indústria cultural de interesses escusos, deu novas escolhas as fiéis das Assembleias de Deus em sua autoimagem (MIRA, 2003 p. 40). Além disso, o acesso ao computador e à internet, trouxe “tremenda possibilidade de comunicação informacional ao mundo pentecostal” (CAMPOS JR, 2012 p. 14) , no que se refere à opressão tradicionalmente machista da ADs trouxe uma liberdade de trocas de ideias e conversas para os crentes jovens antes impossível e restrita ao seu círculo de amizade.

Assim, de acordo com a teoria de Martin-Barbero (2008) não há só manipulação na mídia, mas sim a emancipação, uma vez que os receptores são capazes de interpretar e reinterpretar a mensagem midiática e aceitar ou não totalmente sua mensagem.

---

<sup>4</sup> Testemunhos são oportunidades para que pessoas que não são pregadores falem das suas experiências religiosas

“Se não sabemos aonde nos conduz a tecnologia, temos o conhecimento, ao menos, do que dela podemos esperar: que, por si só, não vá solucionar os problemas sociais, renovar a democracia, nem nos imortalizar. Não há potência na tecnologia que não seja moldada, mediada, pelas tendências sociais profundas, tanto as que voltam a emancipação quanto as que destinam à dominação e à exclusão.” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 23)

Trouxe diversas ideias antes totalmente alienadas, sobre padrão de beleza, trouxe também a ideia de introdução no mercado de trabalho e ideários de independência financeira trazidas pelo capitalismo. Assim o padrão estético muda com influência dos meios de comunicação e de acesso ao mercado. Hoje a mulher assembleiana segue certos costumes de beleza apresentado na mídia televisiva, comentam a novela e de como a protagonista estava vestida (algo impossível antes de 1990). O fiel agora com acesso à TV e jornais, começa e desenvolver uma vontade maior de participação política. Featherstone (1994, p.69), assevera que "a vasta maioria das imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias por meio de anúncios, são imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos". Assim o fiel busca um novo corpo, não parecido com os de seus pais na igreja, mas parecido com o do astro da TV, e da indústria cultural.

Assim há inúmeras mudanças no que chamamos de pentecostais ortodoxos, inclusive nas relações de gênero. Aos poucos a teologia da prosperidade tem chegado aos pentecostais ortodoxos, se por um lado aliena e escraviza os seus fiéis e segue uma rígida lógica de mercado (CAMPOS, 1999) por outro induz a mulher a procurar e se inserir no mercado do trabalho. À mulher que tradicionalmente eram delegadas somente as tarefas do lar, num modelo ideal a ser seguido, passa a perseguir o modelo modernizado, o da mulher graduada, empresária e principalmente, dizimista na Igreja. De certo modo, há uma melhora na mentalidade, não motivada pelos ideais de libertação e autonomia da mulher, mas sim pelo dinheiro que essa pode trazer como dizimista.

## **Das diferenças entre os tipos de pentecostalismo**

Tradicionalmente classifica-se o pentecostalismo Brasileiro em três grandes fases (ou ondas). O pentecostalismo no Brasil tem sido classificado utilizando as ideias de Paul Freston (1994), e se têm usado a periodização das três ondas. É uma classificação conforme a historicidade e surgimento das igrejas pentecostais. A primeira onda pentecostal registra a fundação e o surgimento da Congregação Cristã do Brasil e das Assembleias de Deus, nos moldes do pentecostalismo norte-americano e sueco de onde provinham os fundadores. A chamada segunda onda pentecostal teve origem na década de 1950, dava ênfase na glossolalia, na cura divina e nos milagres.

Na década de 70, uma terceira onda pentecostal, que é a mais estudada, por que usa grande espaço na mídia e suas ideias diferenciadas, com uma série de modificações da teologia pentecostal, deu início a formas de pentecostalismo conhecido com o nome de "pentecostalismo brasileiro" ou neopentecostalismo. A Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Igreja Cristo Vive (1986), são expressões afirmadas do pentecostalismo brasileiro<sup>5</sup>.

Cada uma focaliza seu discurso social e teológico em bases principais que podem até se misturar com as outras. Todas podem pregar, por exemplo, a cura, ou a prosperidade, mas cada uma enfoca algo que são diretrizes básicas da maioria das pregações em seus templos. A primeira onda (pentecostalismo) enfoca o batismo com o Espírito Santo e a glossolalia e a salvação da alma. A da segunda onda de (Deuteropentecostalismo) enfoca a cura divina e estimula cultos com excessiva demonstração de Glossolalia. A da terceira (neopentecostalismo) exalta o exorcismo e mensagem da prosperidade<sup>6</sup>.

A teologia da prosperidade, típica dos neopentecostais também influencia as relações dentro das igrejas, inclusive as tradicionais, que antes abominavam-na, Portanto faz-se necessário breves considerações sobre a mesma. A prosperidade para Assembleia de Deus ainda parte de uma visão bem diferente das construídas nas igrejas neopentecostais. Essas seguem a

---

5 Idem.

6 MARIANO, R. (1999). Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.

teologia ou evangelho da prosperidade que teve suas origens nos EUA, por volta dos anos 30 e 40 (MARIANO, 1999, p. 151). No Brasil, segundo Mariano (1999, p. 157), a Teologia da Prosperidade iniciou a sua trajetória nos anos 70, penetrando em muitas igrejas e ministérios. O evangelho da prosperidade que se baseia em escritos de Hagin tais como: "Não ore mais por dinheiro [...] Exija tudo o que precisar." (HAGIN, p. 17 apud Romeiro, 1998, p. 43). A Teologia da Prosperidade encontrou terreno fértil no Brasil à partir os anos 70, com espaço nos grupos evangélicos pentecostais. Após certo tempo os pentecostais verdadeiros começaram a rejeitá-lo (PIERATT, 1993 p.81) o que ocasionou, para quem acreditava uma ampla difusão de novas igrejas, em divisões pelos que acreditavam nesse tipo de evangelho. Surgiram daí as chamadas igrejas neopentecostais.

Sobre a facilidade com que esta teologia se espalha no Brasil, comenta Pieratt (1993, p. 21):

“[...] o pentecostalismo não foi o pai desse novo evangelho, embora talvez possa ser chamado de padasto, por causa da forma como o abraçou e seguiu seus ensinamentos. Então, a primeira pergunta que se levanta é por que as denominações pentecostais têm sido mais abertas a esse ensino do que qualquer outro grupo protestante. A resposta parece estar na tendência que elas têm de aceitar dons de profecia e profetas dos dias atuais que afirmam exercer esses dons. Por causa da abertura para visões, revelações e orientações espirituais contínuas fora da Bíblia, cria-se um espaço para a entrada das afirmações do evangelho da prosperidade.”

Alegam ainda que a característica do cristão cheio de fé, segundo Romeiro (1999), é ser “bem sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Pobreza e doença seriam resultados visíveis do fracasso do cristão que vive em pecado ou que possui fé insuficiente” (1999, p. 19). Isso não condiz com o que os pentecostais entendem por prosperidade.

Ainda é constante nessa corrente teológica a alegação de que o diabo é culpado por todo mal que acontece às pessoas, inclusive a pobreza. Não é o que acreditam os pentecostais ortodoxos. O pastor, pedagogo, mestre em teologia e doutorando em Educação pela UFAL, Altair Germano (2008), Vice-Presidente do Conselho de Educação e Cultura da Convenção Geral das

Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), em seu blog, reúne o pensamento da maioria dos assembleianos e outros pentecostais ortodoxos:

“ Você que lê estas linhas e encontra-se enfermo ou passando por dificuldade financeira, está também debaixo do jugo do Diabo? Embora o Inimigo possa promover enfermidades e pobreza, nem toda enfermidade e pobreza surge da parte dele:

"Por que, pois, se queixa o homem vivente? Queixe-se cada um dos seus próprios pecados."(Lm 3.39)

Se não fizermos exames periódicos ou não tivermos uma boa educação alimentar, e isto resultar numa enfermidade, a culpa é do Diabo? É claro que não, a culpa é nossa!

Se não administrarmos bem as finanças, não tratarmos com cuidado o orçamento doméstico, se fizermos um mal investimento, a culpa sempre será do Inimigo?

Volto a ressaltar que fatores sociais, econômicos, culturais e pessoais são a causa de muitos sofrimentos e privações na vida do cristão.

Não caia no engano teológico dos profetas da Teologia da Prosperidade e da Vitória Financeira. Não seja também conivente com os seus ensinamentos, que não passam de distorções das verdades bíblicas. Ao fazer uma análise teológica dos comentários da mesma sobre o tema “pobreza” e “Teologia da Prosperidade”, percebe-se alguns equívocos doutrinários, conforme abaixo:

Pobreza é escravidão! Ela amarra as pessoas, impedindo-as de terem as coisas que necessitam. A pobreza leva à depressão e ao medo. Não é a vontade de Deus que você viva na escravidão da pobreza. É hora de Deus acabar com a escravidão das dívidas e da pobreza no meio do seu povo! É chegado o momento da liberação de uma unção financeira especial, que quebrará as cadeias da escassez e o capacitará a colher com abundância! (Bíblia de Estudo Batalha Espiritual e Vitória Financeira, introdução XXVII)

Tais ideias são equivocadas pelas seguintes razões:

Afirmam que Pobreza é escravidão. Pobreza nem sempre é “escravidão espiritual”, aliás, na maioria dos casos trata-se apenas de uma condição socioeconômica, fruto do pecado, da acomodação, da injustiça social, do egoísmo e de outras mazelas. Você pode ser pobre, e mesmo assim, não ser escravo da pobreza. Você pode ser pobre e ser feliz! João Batista (Mt 3.4), Jesus (Lc 2.21-24 com Lv 12.8), Pedro e João (At 3.1-6), Paulo (2 Co 6.10) e tantos outros servos de Deus, apesar de pobres não eram "escravos" da pobreza. É preciso lembrar que a riqueza também pode promover escravidão (Mt 6.19-24). Desta maneira, não é a pobreza ou a riqueza em si que torna alguém escravo, mas sim, a forma como lidamos com essas condições socioeconômicas. (GERMANO,2012, s.p)

A prosperidade para os assembleianos não significa a posse de vários carros, belas casas, ter um alto salário, ou uma vida com fartura de bens materiais como é pregada pelas igrejas neopentecostais, e sim paz, harmonia e

segurança. Em pregações é constante a definição “prosperidade é viver bem com aquilo que Deus permite que você viva”. Ou seja, é um ato contínuo de gratidão a Deus pelo que você tem, e não uma luta para conquistar coisas que o fiel ainda não tem.

Isso gera um verdadeiro conflito para o fiel, porque ele ouve num dia desses grandes pregadores, seja ao vivo ou via rádio, a teologia da prosperidade, mas em sua igreja, também assembleiana, o pastor alerta para o cuidado das falsidades da teologia da prosperidade. Na Bíblia de estudo pentecostal (CPAD – 1995), no estudo “Riqueza e Pobreza” observa-se a seguinte afirmação: “o crente não deve se preocupar com acúmulos materiais nem amontoar bens [...] para o cristão as verdadeiras riquezas são o amor e fé” O que ocorre é que certos germes da teologia da prosperidade tem entrado entre os pentecostais tradicionais fazendo com que muitos creiam nisso, o que pode explicar o crescimento tanto da ADs, que estão aceitando tais mensagens mas não com ponto central da sua teologia que ainda é a salvação das almas.

Simplesmente as igrejas pentecostais ortodoxas estão sofrendo influência de outras pentecostais, tais como as neopentecostais e deutero-pentecostais.

Note-se que é a mensagem da teologia da prosperidade e da estrutura organizacional da igreja, a conversão do mercado religioso, os fiéis e como a religião influencia cada vez mais mudanças em uma causalidade circular. É o surgimento de uma comunidade religiosa, que é de consumo de bens, e de um sentido de pertença, onde há uma reunião simbólica de interesses a partir de um encurtamento da distância através da mídia em influenciar suas teologias e práticas tradicionais mesmo entre os pentecostais ortodoxos. Aliado a isso, há um medo da perda de fiéis por parte da liderança da Igreja, esses então permitem certas mudanças que devem ser cuidadosamente estudadas, a fim de direcionar o estudo do campo religioso brasileiro atual.

Igrejas pentecostais tradicionais não estão imunes às mudanças com aproximação com o neopentecostalismo, inclusive muitos ministérios grandes tais como a da AD do Bom Retiro (SANTOS CORREA, 2008), com a venda de objetos de validade mágica (CAMPOS, 1995), estão passando por uma mudança teológica ortodoxa para a do discurso para a teologia da prosperidade. Isso acaba influenciando as igrejas ortodoxas, visto que os

pregadores são bem recebidos nos púlpitos dessas e muitas fiéis migram de igreja, talvez por medo dessa migração a um silêncio e aceitação relativa dessa teologia quando professada pelas igrejas filiadas a CGADB, extremamente criticadas quando professadas por igrejas de nascimento neopentecostal.

### **A pregação**

Justiça seja feita, a AD foi a maior escola livre de alfabetização gratuita que já existiu em território nacional. Até 1988, quando a educação virou obrigação do Estado para todos em todas as idades, eram inúmeras as práticas de alfabetização de adultos e jovens dentro da igreja, e até hoje muitos idosos, analfabetos funcionais, dizem que “aprendi a ler na igreja”. Após 1988, tornou-se comum nos quadros de avisos das igrejas o anúncio de escolas públicas de EJA. Isso é importante, pois ser pentecostal significa poder ler e manusear a Bíblia. Embora estimulada, a leitura não era obrigatória, como relata Benatte:

O não saber ler e escrever não impedia a participação ativa e criativa das pessoas, homens e mulheres, na vida comunitária da igreja. As próprias crenças e práticas religiosas – a busca de dons e capacitação do Espírito Santo – foram mobilizadas para superar os obstáculos representados pelo analfabetismo. A crença na efusão democrática do Espírito, como cumprimento contemporâneo da profecia de Joel, 2: 29-32 – “E há de ser que depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne...” – abria espaço para a participação leiga nos serviços religiosos, mesmo para os analfabetos. (2010,p.72)

Assim, uma igreja democraticamente inédita logo haveria de ter aceitação e crescimento. Porém, o ensino da leitura ainda carecia de qualidade nas igrejas, ainda que muito estimulado. Mais tarde, na segunda fase de institucionalização, também foi a AD a maior escola livre e gratuita de música do Brasil<sup>7</sup>.

---

7 Na edição de 6 de junho 2011 a revista veja fala da importância da música entre os evangélicos, e que eles se tornam os novos celeiros de música erudita no Brasil, inclusive relata na reportagem que o atual maestro da OSESP é membro da ADs, disponível em: [http://veja.abril.com.br/060607/p\\_104.shtml](http://veja.abril.com.br/060607/p_104.shtml), acesso em 21/08/2014

A mensagem assembleiana também oferecia algo que as igrejas históricas protestantes e a igreja católica não faziam: uma oportunidade o homem pobre, iletrado e simples, de uma fuga dos sofrimentos desse mundo. Enquanto a mensagem católica pregava a conformação aos sofrimentos, e a protestante pregava a salvação, a pentecostal ia além, valorizava este indivíduo pobre e iletrado ao ponto de ter contato direto com Deus, através do Espírito Santo.

Apesar de vários intelectuais desavisados criticarem o pentecostalismo (e com certa razão), as AD além de música, alfabetização também é um dos mais eficientes órgãos de recuperação e ressocialização de pessoas em conflito com a lei. Isto porque é pouco o investimento estatal nesse quesito. Mas por quê? E será que é desinteressado? Ou será que é funcional?

Como já tratado nesse texto o interesse da AD não é a vitória financeira, mas sim a salvação da alma das pessoas. Ao menos no discurso. Apesar de haver trabalho em presídios e casa de correções das igrejas neopentecostais, nota-se que o uso de recuperação de ex-presidiários torna-se mais uma ferramenta midiática do que um interesse. Basta analisar o material midiático com grande aparato feito, por exemplo, pela Igreja universal do Reino de Deus.

Aliás há uma grande diferença entre os dois tipos de pentecostalismo, enquanto a o pentecostalismo de primeira onda (AD) não faz propaganda de suas ações sociais, a neopentecostal utiliza grande aparato midiático e político de suas ações. Assim há obra social no neopentecostalismo mas esse é alardeado em todos os meios de comunicação possíveis. Seja na ressocialização, nos supostos exorcismos, nas supostas curas, nas ajudas sociais. Tudo vira show e é alardeado aos quatro ventos, com a clara intenção de justificar o recolhimento financeiro (PAEGLE, 2008). Em recente pesquisa, Cunha (2016) mostra que muitos bandidos se convertem evangélicos, mas continuam na vida do tráfico, esses são de igrejas neopentecostais.



Noticia em destaque da universal de ressocialização de ex-presidiário. Publicado 22/09/2015, disponível em <http://www.universal.org/noticia/2015/09/22/ex-presidiario-que-virou-diretor-de-penitenciaria-e-destaque-no-the-new-york-times--34257.html>



Noticia em destaque da igreja mundial do poder de Deus do apóstolo Waldemiro Santiago com ressocialização de preso: nota-se que a publicação dessa noticia foi um mês antes do site da universal. Publicado em 08/2015, disponível em <http://www.almadeanho.com/2015/08/ex-presidiario-conhece-igreja-mundial-e.html>

Dentre os assembleianos não há interesse em fazer propaganda de suas ações sociais. Parece que o interesse é salvar alma. Porém em excelente ensaio Birman e Leite (2004), tratam do sofrimento do testemunho. Testemunhos são relatos perante toda a igreja sobre uma bênção alcançada. Uma cura física, uma promoção no emprego, ou a conversão de um membro da família e a recuperação da vida de crime. São fatos vistos como obra divina. Mas ao se falar de testemunho de conversão da vida do crime é um eterno lembrar

sua vida criminosa, assim ao mesmo tempo que traz alívio, não apaga de sua vida a pecha de criminoso, pois é importante para igreja ver essa recuperação como obra divina.

Machado afirma esse alívio e sofrimento do ex-bandido.

Nesse contexto, “ex-bandidos” libertam-se dos sofrimentos vividos, mas também dos sofrimentos causados, sem um projeto de apagá-los de sua história de vida, mas sim mantendo-os vivos em seus testemunhos, pois a memória desses sofrimentos é o que aumenta seu poder espiritual. “Onde abundou o pecado, superabunda a graça”, afirma repetidamente o pastor. (MACHADO, 2014. p.161)

Machado (idem) ainda afirma que o testemunho da igreja é uma oportunidade para por para fora o arrependimento psicológico do bandido, daí um importante fator de recuperação do preso.

### **A recuperação.**

A recuperação do ex-preso é explicado por inúmeros fatores. Em um período, onde o mundo, as instituições públicas, a família, a política, não oferecem respostas convincentes e estão em crise de identidade (HALL, 2006) os convertidos encontram um lugar que lhe vai oferecer um comportamento diferente de tudo ao redor. Lá vão encontrar algo raro, que o mundo não oferece, um abraço, compreensão, serem ouvidos por outros em situação parecida, e principalmente um agrupamento social coeso, em que há preocupação, aceitabilidade e amor entre os pares.

Assim se busca uma resposta, uma distinção e uma identidade jovem específica da comunidade da igreja ADs. Sobretudo, há um grupo coeso de amigos confiáveis, algo raro no mundo de hoje. Claro que em todo agrupamento humano ocorrem falhas, mas há um discurso dominante de que ele será aceito e amado. O jovem pentecostal se sente aceito em um grupo que aceita vários segmentos sociais e ele tem aceitação que é um ganho social incrível. O preso recuperado nessa comunidade tem respeito e ganho social, algo que a sociedade brasileira não oferece e é tido com desconfiança.

O conceito de ganho social foi elaborado a partir dos estudos de Frost e Hoebel (2006) que apresentaram, de forma subjacente à discussão central de

busca de reconhecimento, uma preocupação com o indivíduo e a perspectiva de agregação de valor social. Assim, para fins deste trabalho, ganho social é compreendido como um conjunto de aspectos que favorecem o reconhecimento e a identidade de um grupo, em todo seu aspecto: como membro, pertencimento, como pessoa, profissional, cidadão (política e socialmente determinado). Neste sentido, não é somente a perspectiva do desenvolvimento do indivíduo que conta, mas a sua inserção no grupo social e os impactos que, por meio dele, o grupo social pode auferir.

O ganho social evangélico visa um reconhecimento social da comunidade, ele quer ser reconhecido. Por exemplo um cantor, um presbítero ou um pastor tem grande reconhecimento dentro da comunidade, bem como os músicos, obreiros, dentre outros. Ao aparecer na comunidade cria-se uma cultura do reconhecimento. Alencar (2013. p.85) exemplifica:

“O ganho social que as Marias e os Raimundos, gente semianalfabeta ou analfabeta, têm ao falar ou cantar em um culto público e, principalmente, ao “ar livre” com uma multidão de ouvintes, é incalculável. Este substrato da sociedade que nunca teve nome, oportunidade, não tem significação nem posição social, mas ao “ar livre<sup>143</sup>”, em público, fala, canta, dá testemunho e prega. Com um livro na mão – livro: sinal de “gente de letra” – na rua da sua casa, na feira, no mercado, na praça, em qualquer pedaço de calçada, ele tem voz e vez. Sintomaticamente, como ainda hoje é frisado nas ADs, “os irmãos e irmãs têm oportunidade”. Faz-se uma leitura bíblica e, depois, em alto e bom som (não existia aparelho de som eletrônico na época) proclama sua verdade. “Voz” que adquiriu somente porque virou crente! “Oportunidade” que tem porque prega!”

Rolim aponta como o crente se sente ao ser reconhecido em sua comunidade (ROLIM apud ALENCAR, 2013, p.42):

“Estas faixas pobres, com muito escassas possibilidades de melhoria de vida e com praticamente nenhuma participação nos cultos católicos oficiais, encontraram nas celebrações deste ramo pentecostal momentos propiciadores de espontaneidade e liberdade religiosa. No liminar da segunda década do século, o pobre começa a ter vez, numa presença ativa, em tempos que ele mesmo ajudou construir, e que os considera seus.”

De origem pobre, ainda que hoje nem tanto, as ADs criaram uma cultura de presença ativa, em lugares que se sente à vontade. Embora este

sentimento esteja historicamente permeado de um controle social e de repressão moral, o fato de constituir uma comunidade, cooperar com ela, seja com dízimo, seja com a tremenda participação típica de uma solidariedade mecânica, faz com que o assembleiano se sinta parte da comunidade. Tal fato explica a razão pela qual aceitam as regras de vestimenta, porque se identificam como *crente*, e porque aceitam toda e qualquer imposição. Se forma um laço comunitário e de solidariedade muito forte. É comum, que a igreja auxilie os membros em dificuldades financeira, mesmo em uma época que, ao menos no assembleianismo interiorano, as igrejas não tenham se entregado totalmente à teologia da prosperidade.

As igrejas assembleianas tem ao menos no discurso uma grande proximidade a um modelo de “família ampliada”. Todos se referem uns aos outros como “irmãos”, filhos de um só pai. O pastor é uma importante figura paterna, e em comunidades brasileiras pobres é comum a fuga ou negação da paternidade, assim esse papel psicológico importante é feito muitas vezes pelo pastor. Ao acusar uma família monomatriarcal de sofrimento numa cultura patriarcal, a igreja luta forte e politicamente pela manutenção da família patriarcal por causa de sua crença judaico-cristã. Assim se formam fortes laços sociais e de solidariedade, isso é passado desde muito cedo para o novo convertido, que muitas vezes, em histórico de banditismo, tem laços familiares frágeis. Na comunidade assembleiana, está no discurso, a aceitação dos pecadores, assim os laços são formados com facilidade nesse meio, uma vez que o discurso é o da aceitação e não da condenação. Claro que há também nessa aceitação uma forte carga de proselitismo.

No meio assembleiano é fácil ver as mudanças estéticas e de referenciais linguísticos. A prostituta convertida que andava com o seio quase exposto, agora veste saias compridas, o jovem ex-viciado que andava com camisetas sem mangas agora veste terno, face ao histórico de sofrimento que o novo convertido tem e agora passa a não ter mais, assumir uma nova linguagem e estética é, ao mesmo tempo, uma ruptura com o seu período anterior de sofrimento e a aceitação de uma nova incorporação de identidade.

Devido a falta de tratamento típica da realidade Brasileira é comum também o ex- presidiário ser alcoólico ou viciado o que pode ter influência para ser levado a sua vida do crime. Algo de positivo a ser dito sobre

pentecostalismo, é possivelmente seja o mais acessível e eficiente tratamento gratuito para situações de alcoolismo e abuso de drogas que o povo humilde tem acesso. Há milhares de testemunhos, inclusive alguns no presente trabalho, em que o indivíduo se vê livre - ou, na linguagem pentecostal, liberta - dos vícios que carecem de tratamento psicológico no povo brasileiro. O tratamento para quem abusa do consumo de álcool e drogas no Brasil é deficiente, como é toda sua estrutura de saúde pública, apenas poucas e caras clínicas podem oferecer um tratamento adequado a quem possa pagar.

As igrejas pentecostais oferecem uma cura barata e acessível à população. Sua eficácia se deve ao ataque à base do problema do viciado - seus problemas emocionais. Oferece aceitação, voz, afeto, amor àquele viciado e também muda suas companhias, ele vai passar agora a fazer seu círculo familiar e de amizade com pessoas que não consomem álcool ou substâncias ilícitas. Além disso, terá uma resposta para suas agruras: *não é fraqueza dele, é culpa do diabo.*

Se a família do viciado vai junto com ele à igreja, então a crença no diabo passa a isentar o indivíduo das fraquezas e da agressão, física, verbal ou emocional aos familiares. Eles são convencidos de quem realiza as agressões é um outro indivíduo: o diabo e não o indivíduo em si. Se por um lado isenta a pessoa da responsabilidade, por outro oferece uma explicação mais aceitável àqueles que não conseguem lidar já com os fracassos de sua situação socioeconômica. Os laços familiares, antes afetados pelo consumo, agora começam a ser restaurados, o que estimula a eficácia do tratamento.

A superação do vício é tida como intervenção divina e libertação do diabo. É uma cura divina. O fenômeno da cura divina, dentro do grupo social das igrejas pentecostais tradicionais, é importantíssimo para a coesão pentecostal.

O momento de conversão é seguido por aplausos, abraços, musicalidade de vitória, sorriso e lágrimas: trata-se de uma festa emocional, assim como a festa da vida e do carnaval no Brasil, É a apoteose da aceitação em uma comunidade, assim o indivíduo se sente aceito e participante do grupo. A partir daí, inicia a sua vida e sua identidade pentecostal aceitando as regras do grupo, cuja rigidez não permite mais o crime. Assim, quando não convertido é tido e auto referenciado como algo diferente da comunidade da

igreja, um ser diferente. No processo de conversão vai sendo aceito pelo grupo e tratado como igual, é um processo de diferença e similaridade. Segundo Simmel “é como se cada individualidade sentisse seu significado tão somente em contraposição com os outros, a ponto de essa contraposição ser criada artificialmente onde antes não existia” (2006, p.46). Desta forma, de modo quase inconsciente, vai aos poucos se integrando a massa de um grupo, e se integrando em seus costumes e modos de ser. É claro que o indivíduo vai tendo novos interesses ao participar desse grupo e estes interesses é que perfazem sua mudança de comportamento. O indivíduo vai criando uma memória no sentido que Halbwachs (2006) define como não lembrança, mas a produção de uma experiência divina. Ao se converter ele seleciona as experiências, o ritual, e mais ainda a introjeção desse ritual dá um instrumental, uma localização no mundo de modo que controla seu pensamento e corpo, ou melhor transforma-o segundo a comunidade que assume. O ritual e sua introjeção possibilita a expressão de diferentes, ou de permite a existência internas de novos “selves” exarando um comportamento diferente do que era até então, durante processo de conversão, o novo convertido renega vários hábitos e costumes de sua vida pré-conversão e passa a viver conforme as regras sociais da nova comunidade.

Assim ele muda sua relação com o mundo constituído, reinventando/recriando a memória de onde se constitui enquanto ser total e social. Chega a negar sua vida anterior antes da conversão como uma vida suja, às vezes, quando pertencente à outra religião previamente, passa a negar e perseguir essa religião como falsa, o que pode trazer problemas de interação social, chegando à casos extremos de crimes de intolerância quando a ignorância ultrapassa o bom senso. Porém assim se reconstitui naquilo que considera um ser novo, um convertido.

No assembleianismo é comum repetir a frase bíblica de que agora “nova criatura eu sou”. Há uma constante negação da história do ser, pois quer segundo a nova aceitação do seu grupo, ter uma vida nova. Há aspectos positivos e negativos. Entre os positivos, está o de que essa “nova vida” pode ajudar muito na recuperação de vícios com álcool e drogas, ao menos das suas causas sociais. Os negativos são a perseguição às outras religiões, moral sexual exacerbada e aceitação acrítica do que é pregado em grupo.

Claro que nem toda conversão é sincera, todo pastor e todo bandido sabe que muitos se passam por fieis, mas na verdade não continuam na vida do crime. Entre os pentecostais tradicionais a pratica não é aceita, já entre os neopentecostais, como o crime em especial o tráfico traz receita a igreja a prática não é praticada. Teixeira em excelente artigo afirma:

Os próprios pentecostais reconhecem que muitos criminosos “se escondem atrás da Bíblia” – referindo-se a indivíduos que simulam suas conversões com a finalidade de escapar de punições dentro da própria quadrilha ou de escapar da polícia (Teixeira, 2014, p.450)

Porém mesmo assim em cada igreja há testemunhos de algum ex-bandido recuperado. É um meio de diminuição do crime, não pela intervenção divina, mas sim pelo rígido controle da comunidade religiosa, cuja aceitação não quer perder por causa do ganho social. A conversão é a formação de um sujeito de comportamento novo. Em análise espetacular Silva, diz o motivo:

A conversão religiosa e gestão socioeducativas de “adolescentes em conflito com e lei” se orientam a partir de uma lógica de superação de um sujeito pretérito através da moralização constante da vida que tem como eixo orientador a representação da recaída como um perigo constante. A assistência religiosa e a medida socioeducativa seriam então saberes confluentes de gestão que marcariam sobre o corpo do sujeito a tentativa de produção superação de os laços pretéritos<sup>371</sup> e a condução do sujeito a um rito de passagem<sup>372</sup> que teria como o efeito esperado o abandono das relações pretéritas e a formação de novas relações que produziriam um novo sujeito moralizado e ressocializado. (SILVA, 2014. p.671)

Assim o sujeito que quer uma mudança de vida e ao mesmo tempo ser respeitado na sua comunidade passada, a o do banditismo, a conversão é uma saída rápida. A relação na igreja aliada a cosmovisão de que não era culpa do bandido, mas sim de uma entidade maligna reata os laços familiares, motivos de crises em famílias de detentos ou adolescentes em condições análogas a do banditismo. Nesse sentido Machado:

O pentecostalismo, neste sentido, exatamente por ratificar a sujeição criminal através de todo um aparato simbólico, permitindo que o indivíduo tenha plena consciência de sua suposta subjetividade criminosa – que lhe foi imputada socialmente (do ponto de vista sociológico), mas em sua interpretação, “contaminada pelo Mal” –, oferece também, através da lógica da Batalha Espiritual, os instrumentos simbólicos necessários para o reconhecimento (da sua parte e da parte de outros) da possibilidade de sua transformação. Como procurei mostrar, isto ocorre antes mesmo do traficante “aceitar Jesus”. Desta maneira, o pentecostalismo parece carregar consigo os instrumentos necessários para que o sujeito, no mínimo, lide com a sua sujeição criminal.

Assim passa ser recebido em uma comunidade onde é visto como transformado, como um novo sujeito, justificado pela cosmovisão. É um modo de a comunidade aceitar aquele que cometia crimes pois ele visto não como responsável pelos seus atos, mas sim como vítima de uma entidade maligna. De qualquer maneira é um fato que, embora não haja em todas as situações um abandono da vida criminosa a conversão é uma ação relativamente eficiente de diminuição do crime.

## Referencias

ALENCAR, G. F. de. **Matriz Pentecostal Brasileira**: Assembleia de Deus. 1911-2011. Novos diálogos ,2013

BIRMAN, P.; LEITE, M. (Org.). **Um mural para a dor**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira (1996) **Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximações e Conflitos**. In: GUTIERREZ, B.; CAMPOS, L. S. (Editores) Na força do espírito: o pentecostalismo na América Latina: um desafio às igrejas históricas. SP: Associação Literária Pendão Real, 1996, p. 105

CAMPOS JR, Luis de Castro (1995). **Pentecostalismo: sentido da palavra divina**. São Paulo, SP: Editora Ática.

CARDOSO, Rodrigo, Um pastor moderno entre os radicais: Um dos líderes da Assembleia de Deus, a maior e uma das mais conservadoras igrejas evangélicas do Brasil, Samuel Ferreira rompe tradições, libera costumes e

atrai fiéis para o seu templo. [Reportagem] **ISTO É**. 2011. São Paulo: Editora Três, nº 2167, edição de 25/mai/2011. Entrevista com Samuel Ferreira. Disponível em :  
[http://istoe.com.br/138157\\_UM+PASTOR+MODERNO+ENTRE+OS+RADICAIS](http://istoe.com.br/138157_UM+PASTOR+MODERNO+ENTRE+OS+RADICAIS)  
/ Acesso em 26/04/2014.

COSTA, Juarez Aparecido. **Salvação e Comportamento Moral**. Dissertação de Ed. PUC-SP. 2004.

FROST, Everette L; HOEBEL, E. Adamson. **Antropologia cultural e Social**. Trad.: Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 2006

GERMANO, Altair, a **Farsa da bíblia batalha espiritual e vitória financeira de Silas Malafaia**. Publicado em 02/jul/2012. Disponível em: <http://encontrobiblia.blogspot.com.br/2009/02/biblia-batalha-espiritual-e-vitoria.html>. acesso em 16/dez/2015)

GONDIM, Ricardo. **O que os evangélicos (não) falam dos negócios à graça, do desencanto à esperança**, São Paulo: Ultimato, 2004

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, memória americana. 2003. São Paulo, Annablume.

MACHADO, Carly Barboza. Pentecostalismo e o sofrimento do (ex-)bandido: testemunhos, mediações, modos de subjetivação e projetos de cidadania nas periferias. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 20, n. 42, p. 153-180, Dec. 2014 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832014000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200007&lng=en&nrm=iso)>. access on 08 Feb. 2017.

CUNHA, Christina Vital da. **Oração de traficante**. Editora Garamond Universitária, 2016.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo, SP: Loyola. 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações** - comunicação, cultura e hegemonia Trad. Ronald Polito, Sergio Alcides. Rio: Editora UFRJ, 1997 360p.

PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura . A "mcdonaldização" da fé - um estudo sobre os evangélicos brasileiros. **Protestantismo em Revista**, v. 17, p. p.86-99, 2008.

ROLIM. F.C. **Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Sócio-Religiosa** Petrópolis: Vozes; 1985

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. De "corações de pedra" a "corações de carne": algumas considerações sobre a conversão de "bandidos" a igrejas evangélicas pentecostais. **Dados**, Rio de Janeiro , v. 54, n. 3, p. 449-478, Sept. 2011 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582011000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582011000300007&lng=en&nrm=iso)>. access on 09 Feb. 2017.

SANTOS CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos, . **Análise dos ministérios da igreja assembleia de Deus e a sua lógica de funcionamento**, Tese de doutorado em ciências da Religião, PUC-SP, orientador, Dr. João Décio Passos. data da defesa. 11/abr/2012.

SILVA, Evandro, Cruz, “entre cuidados” uma etnografia de gestão de “adolescentes em conflito com a lei” provenientes da intersecção entre discurso religioso e formas estatais. ANAIS DO III SEMINÁRIO DE ANTROPOLOGIA DA UFSCar, **Vol 1, ed. 1 dos Anais do Seminário de Antropologia da UFSCar, 2014.**

ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes. O Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade.** São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

PIERATT, Alan B. **O evangelho da prosperidade: análise e resposta.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.